

“NÓS SOMOS ENCHARCADOS DE NATUREZA”:
MEMÓRIAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS ÀS MARGENS
DA BOA ESPERANÇA - ENTREVISTA COM
LIDERANÇAS DO “MOVIMENTO LAGOAS DO NORTE
PRA QUEM?”

ADRIANA DA SILVA CARVALHO

Mestranda em Antropologia - Universidade Federal do Piauí

Email: adrianacarvalho865@gmail.com

(<https://orcid.org/0000-0002-6218-8446>)

VIDA MARÍLIA MIRANDA CRUZ

Mestranda em Antropologia - Universidade Federal do Piauí

Email: vidamarilia5@gmail.com

(<https://orcid.org/0000-0002-8632-2064>)

REVISTA ZABELÊ

DISCENTES PPGANT - UFPI

Nesta edição, a revista Zabelê apresenta uma entrevista com Maria Lúcia Oliveira, 52 anos completados um dia após a concessão desta em dezembro de 2022. Como moradores do bairro São Joaquim, uma das 50 comunidades dentro dos 13 bairros afetados pelo projeto Lagoas do Norte conduzido pela Prefeitura Municipal de Teresina, Lúcia junto de seu sobrinho e companheiro de luta Raimundo Pereira (Novinho), militante e professor de História da rede pública, são os nossos convidados para retratar o “Movimento Lagoas do Norte Pra Quem?”, atuante contra as medidas tomadas pela PMT.

Nesta entrevista além de ser narrada a história e a trajetória de Maria Lúcia, são apresentadas questões em torno desse território, localizado na zona norte da capital Teresina. O diálogo que resulta neste texto ocorreu no Museu da Boa Esperança, localizado as margens da Avenida Boa Esperança, na região das Lagoas do Norte. Esta não foi uma entrevista que seguiu a dinâmica de perguntas e respostas fechadas, Lúcia nos agraciou com um momento de trocas, vivências e experiências de vida. Deste modo, o conteúdo aqui publicado traz trechos dos diálogos e reflexões estabelecidos com Lúcia que foram organizados em forma de entrevista para a melhor compreensão dos leitores. O professor Raimundo Pereira nos guiará por um breve histórico da criação do Museu da comunidade e formação de seu acervo.

O território das Lagoas do Norte é habitado por comunidades tradicionais que vivem lá antes mesmo da criação da capital, em 1852; cercado pelos rios Poti e Parnaíba, é por meio do que a natureza oferece que esses povos se emanciparam economicamente com a prática das atividades de pesca, produção de cerâmica e agricultura.

Convidamos todos a conhecerem mais sobre o Movimento “Lagoas do Norte pra Quem?” e seu território. Desejamos uma boa leitura!

ZABELÊ: Lúcia, antes de qualquer coisa, gostaríamos de enfatizar que é um grande prazer estarmos com você aqui hoje, nesse momento de confraternização entre os membros do Movimento, nesse espaço de memória e resistência que é o Museu da Boa Esperança. Dito isso, você poderia nos falar um pouco sobre você e sobre sua trajetória?

Figura 1 - Maria Lúcia, 52 anos, Museu da Boa Esperança



Fonte: Carvalho (2022)

LÚCIA: *É um prazer ter vocês aqui. A gente divide esse tempo com vocês porque a gente acredita num processo de transformação e que se for necessário, é dentro dessas contradições que a gente consiga dialogar até espremer tudo, até chegar em algo que a gente construa*

essa transformação. Aliás, que a gente potencialize tudo o que os nossos e as nossas nos entregaram. Então, para eu chegar nessa situação de defender o que eu defendo, eu vivi isso. Eu digo: Meu Deus! Eu não sei nem como é que eu ainda estou viva, eu vou fazer cinquenta e dois anos amanhã, mas foi muito rápido que passou isso. Porque a luta contra o racismo, contra essas injustiças toma muito tempo da tua vida, a gente poderia estar fazendo outras coisas, mas a gente está lutando, né? Para que o nosso povo não morra, para que eles não acabem como isso, que é a nossa existência! Então isso, lutar contra o racismo, contra essas injustiças que se perpetuam nesse território Brasil desde que trouxeram o primeiro corpo sequestrado de África pra cá, é uma luta muito forte.

E aí, assim eu, pra tomar essa consciência, eu comecei a trabalhar na olaria, eu tinha sete anos de idade. As escolas aqui, sempre foram muito longe, era no Poty. E quando a gente ia, a gente se dividia, né? Nós somos nove irmãos, os que iam para olaria de tarde, de manhã ia para escola e os que não ia pra escola no Poty ia para vazante era uma troca assim. Papai sempre fazia isso, ele fazia isso com uma forma de educar a gente, porque é uma prática ancestral, educar fazendo aquilo que o nosso pai, nossa mãe fazia, para que a gente pudesse aprender aquela prática. E levar para frente, mas também como uma forma de sobrevivência e dele ter aqueles filhos ali, filhas todas perto e ocupados. Era também pra não deixar vacilar em outros momentos. E aí eu tive muita dificuldade porque além de eu ir, eu lembro que eu estudava a tarde, ia para a escola cansada e chegava em uma escola que não me reconhecia, eu paguei um preço alto, porque a minha família também não entendia porque eu não queria estudar naquela escola. Eu tinha raiva daquela escola, sabe? Eu preferia gazar aula e pular cordão na praça com minhas amigas, porque já vinha de um cansaço de trabalhar na olaria de manhã. E aquela professora

dizendo que ia abrir minha cabeça com um machado e que ia botar o conhecimento lá dentro. E ela falava de uma realidade que não me pertencia, ela falava de um menino branco, mostrava a figura que tinha ido ao zoológico e que a onça-pintada dormia, e que não sei o quê [...] E de tanto ela falar, eu acabei decorando isso aí eu não aprendi porque aquilo ali não tinha nada a ver com minha realidade e muito menos com uma professora daquela me ameaçando, porque tem coisas que marcam.

A partir do final da década de oitenta/noventa por aí, ainda no processo de ditadura militar, vieram um grupo de mulheres aqui para a comunidade, junto com um padre, que é o padre Eduardo que hoje mora no Ceará. E elas, debaixo do pé de manga da casa da minha mãe, elas vinham dar aquelas aulas de catecismo no dia de domingo. A gente já tomava banho de manhã, se tivesse café pra tomar, tomava, se não tivesse, ia, porque era muito gratificante aquela forma de ensinar, que dizia: “você faz um tijolo e não tem uma casa? você sabe escrever a palavra casa, né? você sabe escrever a palavra tijolo, né? Você é... Como você se identifica? Olhe para você, porque será, e essas pessoas que estão ao seu redor são todas da mesma cor? Que cor você tem? O que que você acha? Por que que você acha que é assim?”

E a partir daí foi bala, porrada e bomba em cima do colonialismo, do colonizador em cima daquela mulher que queria que eu aprendesse alguma coisa que não tinha nada a ver comigo. “Você sabe por que que você está ali conversando e entra uma cobra na sua casa? porque você está na beira da Lagoa! Por que essa relação que você tem com a Lagoa, por que tem essa relação com o modo de fazer que que veio de muito longe, veio de África? Porque que meu pai e minha mãe praticam modos ancestrais, não é?” Então, você fica curiosa e você não tem como não aprender a ler. Você quer ler porque ela está falando da sua realidade.

Eu aprendi a ler primeiro do que escrever, até hoje eu tenho dificuldade em escrever algumas coisas, mas escrevo. E assim, eu aprendi a ler porque conversava com o que eu estava vivendo. E a partir daí a gente tem que se enraizar nessa ancestralidade e nesse orgânico que é a nossa comunidade e partir daquela leitura, você aprender a ler e começar a entender que você é o que você passa, o que sua família passa, tudo fruto de um processo histórico, que precisa ser repaginado vinte e quatro horas, você entende que você precisa se organizar enquanto comunidade.

ZABELÊ: Como a relação com o padre Eduardo e as irmãs motivou a organização da comunidade?

LÚCIA: Foi daí que nasceu a associação dos oleiros, dos vazanteiros, dos pescadores, tudo capitaneado pela potência dessas mulheres, desses padres que vem para a comunidade, que nos ensina que nos enraíza, com aquela situação, colando ela com esse processo de sequestro do nosso povo da África. E a gente não tem como não dizer por aqui, na organização, que a gente vai conseguir mudar essa história, né? E aí é eu lembro muito bem, inclusive essa casa que a gente está ela foi construída ainda no tempo que o padre Eduardo estava aqui, que ele construiu várias organizações para ser sede. Ele recebia um dinheiro que vinha de fora, de uma ONG do pai dele e aí juntou com essa cooperativa dos oleiros, onde a gente começou a vender os tijolos e o processo com os vazanteiros de negociar com a CEASA que ainda hoje tem. Os quiabos daqui é dessa região, que abastecem a CEASA, e aí a gente começa a ganhar autonomia, a partir disso. O Estado, ele nunca se fez presente aqui, a gente lutou, foi luta nossa. Por isso que eu digo, nenhum Quilombo nasceu por dentro do estado foi luta nossa. E aí, a partir daí a gente já começa a se reunir na creche, na

creche que começa a ter os grupos de mãe, de bordadeira, tudo na creche.

ZABELÊ: Qual foi o ano em que esses fatos ocorreram?

LÚCIA: *De [mil novecentos e] oitenta à [mil novecentos e] noventa.*

ZABELÊ: Foi a partir disso que começou sua construção enquanto mulher negra e a sua atuação no movimento?

LÚCIA: *Foi a partir daí. A gente sempre fez uma luta orgânica, né? Nesse movimento também, porque essas mulheres que vieram ainda têm umas que estão, tem a Rita que dar aula na escola e tem outras que foram embora. E também veio a Trindade¹, veio outras mulheres e a gente começa essa relação com essas mulheres. E aí, a gente achou que as coisas foram se transformando, mas devagar, né? A gente teve a creche. Depois, houve uma ruptura no processo que padre Eduardo teve que ir embora e não teve a continuidade desse trabalho, mas a semente foi plantada. E aí, quando foi no ano de mil novecentos e noventa, foi que eu engravidei e tive que passar um tempo fora de Teresina. Passei um ano, depois eu voltei, fui trabalhar em uma escola, mas sempre com esse vínculo de luta com a comunidade sempre lutando, não é? Em dois mil, meu pai morreu na escola, em que a gente trabalhava e eu não quis mais ficar lá. E aí a gente volta para a comunidade, né? Com mais força, sempre com aquele espírito de vida comunitária, e aí a gente cria uma associação, ajudou a criar uma associação de mulheres. Mais uma vez, a presença externa do Estado, de pessoas interessadas em ter voto acabou com o processo e a gente também da comunidade, porque assim, a comunidade é uma maravilha? É não, existe*

129

¹ Francisca das Chagas Trindade (1966 - 2003): líder social, teóloga, professora; foi vereadora, deputada estadual e deputada federal pelo Partidos dos Trabalhadores (PT).

contradições e muitas. Mas assim, sempre o papai dizia que a gente sozinho pode até chegar mais rápido, mas se a gente for junto com a comunidade, com a família [...] então a gente sempre teve esse horizonte, né? De luta!

ZABELÊ: Como o Projeto Lagoas do Norte a ser implementado pela prefeitura de Teresina afetou os moradores da região?

LÚCIA: Em dois mil e quatorze quando eu cheguei na casa da minha mãe eu vi que tinham colocado um selo na casa, a minha mãe disse que eles tinham entrado lá, fotografado a casa. E eu já vindo desse processo todinho, porque desde o ano dois mil venho lutando contra esse projeto, inclusive, a gente não conseguiu avançar na primeira etapa, porque a gente ajudou a criar um comitê, e essas próprias lideranças entregaram a luta para a prefeitura naquela transição de Firmino para Elmano, e Elmano, queria fazer isso para fazer o projeto. Ele precisava do respaldo da comunidade, então foi o que ele fez, ele pegou essa liderança e botou dentro da prefeitura.

E aí quando a gente chega na casa da minha mãe, que eu vejo a porta, a casa fechada e vejo todos esses relatos me veio todas as memórias, né? Do que tinha acontecido e daí eu falei com minha família: ‘olha eles vão tirar vocês daqui da comunidade, meus irmãos. Eles não vão só alargar rua aí eu digo: vão tirar, vão tirar, porque aí já vinha tratando essa pedra há muito tempo.’ E o seu Novinho², que é uma testemunha viva também. O Novinho era uma criança, aí na época eu fui selecionado, fui classificada para fazer um curso de História lá na UESPI. Aí eu disse: ‘Novinho, nós temos boa saída, porque o povo sempre perguntava se o que a gente falava tinha como provar, aí eu disse: Novinho, tu vai estudar e eu vou ficar na luta. E aí, tu vai para um caminho dessas ciências humanas aí,

² Raimundo Pereira da Silva Filho professor de História e militante do Movimento “Lagoas do Norte Pra Quem?”

*que prove que a gente está vivo e que a nossa história é verdadeira. 'Aí a gente começou, né? Em dois mil e quatorze e meu irmão todo tempo me chamando: ah, você vem, você vem. Eu digo: olha gente, eu perguntei o que foi que eles disseram aqui, aí disseram que não tiram só foto, aí o meu cunhado chegou e disse: eles perguntaram se a gente quer uma casa ou um apartamento. Aí eu digo assim: o que vocês querem? E eles: ah, ajuda! Aí peguei, reuni a comunidade, aí tiramos uma comissão nessa comunidade e fizemos um ofício, para entregar na prefeitura para saber o que era aquele selo, o que significava aquele selo. E aí quando a gente chegou lá e disseram que vinham aqui, não queriam receber quatro pessoas lá na prefeitura. 'É o seguinte, eu já estou tão acostumada com vocês, ou vocês vão lá para a comunidade dizer o que vocês estão fazendo, o que vocês querem fazer, porque eu já sei, mas a comunidade precisa saber ou a gente vem magote, bota o pé na porta e entra, nós vamos é "tudim"'. Aí quando passou o tempo eles, fizeram uma reunião aqui numa sala, nesse dia a comunidade foi em peso, olha, parece que estava assim já girando, toda comunidade foi em peso. Aí quando a gente perguntou assim, o que que estava posto pra nós, **eles disseram que aqui era uma área nobre, porque era a quinze minutos do shopping, e cinco minutos para o centro, precisava revitalizar que estava na pauta de sair três mil famílias.** E aí, pergunto para onde é que esse povo vai? Não sabia, né? Aí a partir daí, gente ... eu fiquei desesperada porque eu já vinha num processo de cansaço e aí eu sabia como é que a comunidade é. De toda essa história de negação de direitos que vem acontecendo com o povo preto aqui nessa região que faz parte da desterritorialização que acontece desde o Primeiro, corpo preto que chegou nesse território, no Brasil e também o que eles fazem com a população indígena que são desterritorializados o tempo todo.*

ZABELÊ: Como se iniciou a parceria dos coletivos e instituições de ensino com o Movimento “Lagoas do Norte pra Quem”?

LÚCIA: *Quando a gente está com o pessoal da academia eles trazem essa informação pra gente, mas quem tem gira com guia, não é? Já ver de outra forma. Não é só essa questão aqui, material, ela trabalha bem na frente. E aí ele (o Preto Velho) disse que essa era uma região de Nanã e que não aceitava que ninguém mexesse mais aqui. E aí já que ele disse para mim fazer, eu fui fazer. Aí, o Novinho foi atrás da história oral para investigar a história oral. A gente está fazendo uma mobilização grande, apareceu uma menina e essa menina ficou todo tempo na minha cola e eu dizendo: ‘mulher eu não tenho tempo para falar contigo’ porque eu estava tão estressada, tão revoltada, e era uma moça tão delicada, né? Parece que ela veio assim enviada. E aí eu dizia, olha, não tenho tempo e aí ela deu uma afastada. Aí passou um tempo, ela disse: Lucia me escuta: “Eu fiz um trabalho na primeira etapa do lagoas do norte”. Ela trabalhava em outra perspectiva. “Não sei se está sabendo que eles vão tirar todos os terreiros, né? Eles vão tirar todos os terreiros! e eles vão fazer uma política de compensação, que é a praça dos orixás.” Ela tinha todas as informações, como era uma menina de pele clara e educada, ela entrava, trazia as informações, e eu denunciava. Aí eu fui conversar com o professor Paulo Machado e também fui nessas universidades, em IFPI, Universidade Federal, Universidade Estadual em todo lugar, pedindo ajuda para eles vir pesquisar aqui. Os ônibus da Universidade chegavam ali, né? Com os alunos eu entrava dentro dos ônibus, fazia a denúncia. Primeiro eu fui procurar a FETAG [Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Piauí] para fazer a denúncia dos trabalhadores daqui da beira da Lagoa, eu fui procurar todos eles*

achando que eles iam me ajudar e mais uma vez, eles fizeram um pacto na prefeitura para detonar a gente, entendeu? Se ajuntar com a prefeitura, porque dinheiro do banco Mundial, né? Aí eles: “Não, a gente também quer uma beirinha pra gente” E aí eu digo: ‘Interessante! Vocês vão fazer uma praça de orixás, em cima de um cemitério indígena, e vocês vão tirar esses terreiros? Parem com isso, respeitem, tenham pelo menos essa qualidade!’

ZABELÊ: Como as universidades e coletivos têm atuado a favor do movimento?

LÚCIA: Assim elas fizeram as oficinas e assim, da universidade nossas parceiras fortes eram a Sueli³ que fez a passagem dela, aí tem a Joina, tem a Dione que deu uma parceria forte. A Lucineide⁴ lá com o grupo de extensão. Aí dessas enfeitada toda tem assessoria técnica. Vocês não querem não fazer parte? É muito bom. A gente luta mas aqui também se diverte. É bom demais, e é experiência de vida. Quando o pai velho, porque é assim gente, eu trabalho sempre com a espiritualidade, eu disse ao pai velho que eu me sentia muito sozinha e aí ele foi e disse “depois disso você não vai mais ficar só, vai aparecer muita gente para lhe ajudar. E eu vou dar caminho aberto pra cada um.” E isso me emociona muito porque eu digo meu Deus, é muito importante... aí a Daniele assim, se deu bem enquanto profissional. A Sara. Todos eles que ajudaram, assim os caminhos foram se abrindo assim, sabe?

E aí assim qual a importância deles? É a importância, porque como

3 Maria Sueli Rodrigues de Sousa (1964 - 2022): mulher feminista, negra, militante de Direitos Humanos e professora de Direito da Universidade Federal do Piauí.

4 Lucineide Barros Medeiros educadora popular, professora de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí e militante.

nós somos desse mundo colonizado, então quando tem a técnica que diz isso, aí não tem como. A mulher do banco mundial me perguntava “aonde é que está escrito o que você está dizendo?” E aí eu dizia “no meu corpo! tá bem aqui as marcas de trabalhar na olaria” ... E assim, apesar de tudo, tudo isso, a gente consegue ser apaixonada pela luta né, também tem o lado feliz da vida.

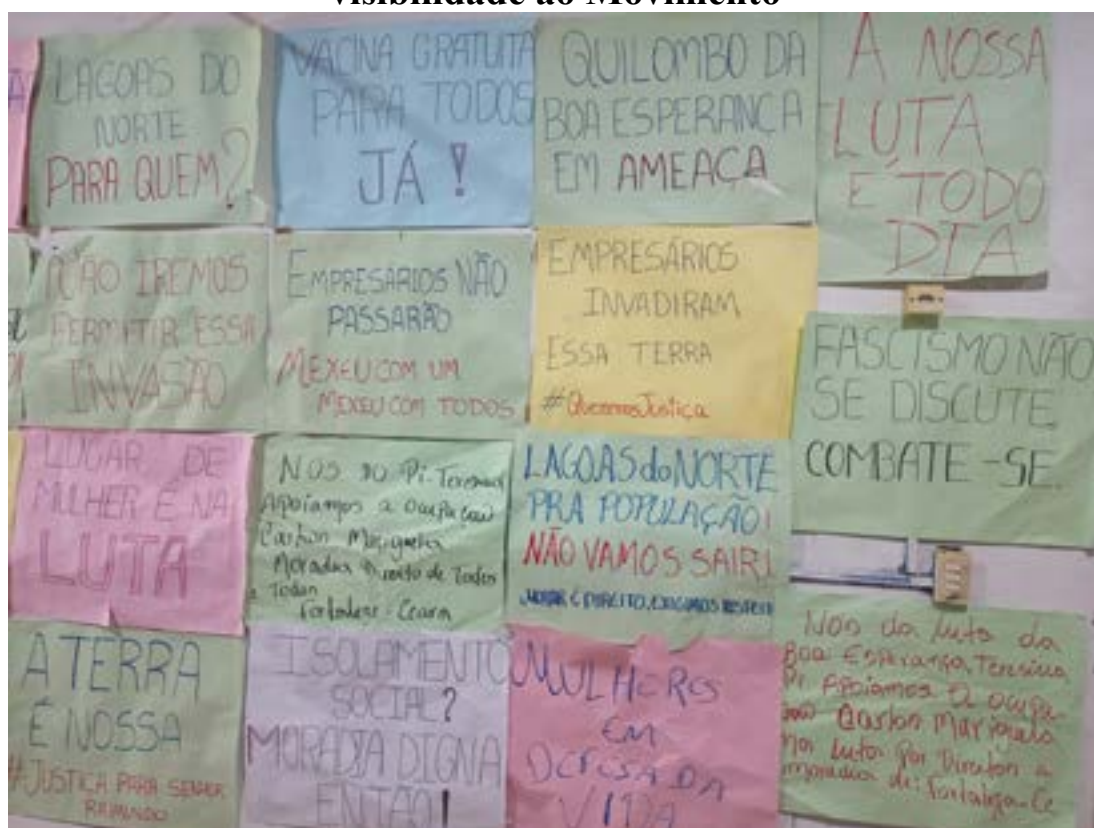
ZABELÊ: A região do Lagoas do Norte é conhecida por um número significativo de casas de umbanda e candomblé, a prefeitura chegou a remover algum terreiro?

LÚCIA: *Tiraram um. Aí veio o Ministério público, veio pessoal das universidades. Agradeço muito a Sueli, porque a Sueli realmente foi uma pessoa que se fez presente em todos os momentos aqui. A Sueli enchia minha barriga quando eu estava com fome. Ela conseguia chegar em mim assim, de encher minha barriga de alimentar meu espírito também, minha cabeça, de me acalmar. Ela foi uma pessoa simples, que sempre ajudou muito aqui... A dona Maria Mulambo veio também uma vez porque realmente a imprensa não saía daqui... é que todo o inverno é assim. Eles vêm para cá fazer esse inferno que eles fazem aqui, aqui sempre foi do jeito que é. Nós somos encharcados de natureza, sabemos viver na natureza e toda vez que começa a chover, eles vem pra cá fazer isso. Aí eu levei uma taça para a dona Maria Mulambo no pensamento dela me ajudar, e ela disse que ia me ajudar. Quando foi de noite que a gente fez uma reunião aqui na casa da dona Vitória, a Lucineide saiu com essa ideia da gente colocar a faixas nas portas. Aí a gente fez uma oficina com as mulheres e elas foram escrevendo, a Luciana Rebordosa⁵ veio escrevendo, eu e minhas irmãs também nós*

⁵ Conhecida como LuRebordosa é professora, artista visual e idealizadora do coletivo Ocuparte.

todas escrevendo, a irmã Luzia, e colocando nas portas das casas para dar visibilidade à luta. E aí, foi daí que a gente começou a mudar essa história.

Figura 2 - Cartazes colados nas portas das residências para dar visibilidade ao Movimento



135

Fonte: Carvalho (2022)

Para além disso, o Novinho já veio com o trabalho dele, que ajudou também que é do campo, do brilhante ao pau da moça⁶, veio Lucas Coelho que é um antropólogo que hoje dar aula lá na Bahia, que ele também fez um contraponto com relação à injustiça, que esse Lagoas do Norte queria fazer. A gente também procurou o professor Paulo Machado, que é um

⁶ *Do Campo do Brilhante ao Pau-da-Moça: As histórias e memórias da rua Rui Barbosa nas décadas de 1960 e 1970. Monografia apresentada a Faculdade do Piauí – FAP por Raimundo Pereira da Silva Filho no curso de graduação em História.*

escritor anônimo, que ele também traz Muita coisa, não é? E aí a partir disso, a gente fortalece mais ainda nossa consciência do que é. Eles nunca vão, nunca vão matar a gente, né? Que é aquilo que o Nego Bispo disse:

*Fogo!... Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.*

*Fogo!... Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.*

*Fogo!... Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.*

*Fogo!... Queimaram Pau de Colher...
E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando.*

*Porque mesmo que queimem a escrita,
Não queimarão a oralidade.
Mesque que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo
Não queimarão a ancestralidade.*

(Nego Bispo)

Domingos Jorge velho tentou dizimar a população indígena, mas não conseguiu, Saraiva tentou dizimar, mas não conseguiu. Porque está bem

ali a prática da pesca, do pote, tudo isso aí, que isso aí eles não colam em um lugar nenhum, que a gente vai, eles acham bonito querem colocar num enfeite, mas eles não dizem que é uma prática ancestral desses índios Potys que é a herança. Se você for lá puxando, puxando, puxando, você vai encontrar a gente. Tenho certeza, mas como é um processo colonial, ele vai tirando, né? E assim, fizeram isso aí, mas a comunidade continua aí e fazendo suas práticas. Aí quando Saraiva vem que ele traz uma população negra, isso aí já tudo dos estudos de Raimundo Filho de outras pessoas que pesquisaram, que coloca na mão da gente, porque nós também somos adeptas da oralidade, uma oralidade que se configura, né? através dessas conversas, essa oralidade ela nos ajuda também a ressignificar e fortalecer. Isso porque é uma prática ancestral. Eu vou falar várias vezes que é pra você aprender e é uma coisa que eles fazem. Os mestres e mestras, como diz o nego Bispo, que é uma referência também forte para mim.

137

ZABELÊ: Qual o sentido que esse lugar tem para os moradores como um território?

LÚCIA: Quando Saraiva traz essa população negra para essa região que ele disse que era uma área insalubre, que era cheia de Lagoa, essa população negra que fica aqui é usada para construir Teresina. Ela ganha autonomia plantando fumo, trabalhando nessas práticas, que é a pesca, que é o tijolo, que é a planta.

E a gente sempre vêm nessa resistência, falando sempre isso que é uma negação do nosso povo aqui nesse território em diáspora, que não começou aqui, mas começou desde que eles tentam dizer “ah porque lá na África os negros escravizavam outro”, querendo sempre enfraquecer nossas forças, e a gente faz essa cola de que estão sempre tentando apagar

nossa história. Inclusive nessas conversas que a gente vai, nessas trocas e tudo você vai descobrindo que hoje apagar, derrubar os prédios de Teresina que eles derrubam não é só por conta do capital, mas existe um racismo estrutural, porque tira marca de quem construiu essa cidade, vai tirando o traço negro, vai tirando aquele traço porque eles não querem nossa presença aqui e isso aqui eu tenho certeza que se eu não vivesse do jeito que eu vivo no movimento eu não tinha aprendido isso, porque Universidade nenhuma dá isso daqui pra gente, porque o que eles fazem ao longo da história é tirar você, descolar você da sua realidade, tirar o que você tem e colocar aquilo que você não tem. E eu continuo muito revoltada com tudo isso que acontece com a população negra aqui no estado do Piauí e no Brasil, mas eu não posso fazer a luta internacional e nacional, mas eu posso fazer aqui no meu território onde eu estou, onde estou vendo racismo ambiental, racismo estrutural acontecer e não posso descolar isso das falas que eles dizem: “Teresina Cristalina, Teresina menina”, uma história tão mal contada, muito mal contada porque quem tem cinquenta e dois anos já viveu um terço dessa história. E aí a gente se revolta porque a gente sabe que se hoje, e aí é onde eu falo o sentido do pertencimento e o sentido de fazer essa leitura crítica trazendo para esse processo de negação do nosso povo em diáspora, porém em todos os territórios porque aqui a gente passa por isso, mas lá no quilombo do seu Cláudio, eles passam pela entrada do grande capital, a plantação da soja, a mineração, lá na Dan que é um território indígena no sul do Piauí é do mesmo jeito. E o que está mais perto da gente aqui? É isso! E o que aconteceu depois desse projeto, da entrada do capital? Gente morreu, a drogadição aumentou, as siglas aumentaram, estão matando nosso povo, eles deixaram entrar, eles deixaram isso acontecer e culpabiliza esse povo pelo que está acontecendo, aí eu vou descolar isso da realidade? Não vou.

Meu pai sempre dizia “minha filha amarre um pano na sua barriga e fique junto com os seus.” Isso é uma técnica ancestral, amarrar um pano na barriga para contrair o estômago para não sentir, porque a fome dói, eu já passei fome e eu sei que a fome dói. Então ele ensinava isso para gente e ele fazia isso quando não se tinha alguma coisa para comer, ele e minha mãe colocavam aquele paninho, mas nem por isso a gente foi triste, assim amargo, a gente é revoltado, mas uma revolta que se transforma em luta, meu coração é aberto. E eu tenho dito de tudo que aconteceu, de todo o racismo ambiental, de toda gente que morreu aqui na nossa comunidade, de toda a exclusão, de gente que adoeceu, e a gente se “acaloiar” com os nossos inimigos, isso é uma traição muito grande. E eu lhe digo, o estado do Piauí tem uma dívida histórica com a população negra, tem uma dívida histórica que coisinha pequena, miudinha não é para nós, a gente merece coisa que tenha dinheiro, que possa colocar nosso povo lá dentro, que deixe nosso povo feliz. Por que eles não fazem isso? Porque eles são racistas, isso é racismo! Eu tenho certeza que existem pessoas capacitadas intelectualmente para assumir qualquer pasta no estado do Piauí que ajude nosso povo a sair dessa situação de negação. Vá lá naquele lixão para ver como é que as pessoas estão, vá dentro desses hospitais, das maternidades. Quem é esse povo? É o povo preto que está sofrendo.

139

Eu sempre acredito, como pai velho diz: que o chão é o melhor lugar que tem para se estar porque se você cair é mais fácil de se levantar. Então é isso gente, não tem como a gente não colar tudo que a gente viveu com esse processo de racismo estrutural, de racismo ambiental e fazer uma luta contra tudo isso. E isso dá sentido para a vida da gente, dá sentido porque eu tenho cinquenta e dois anos eu já passei por muita coisa, mas eu estou viva, nada nunca me faltou, pode faltar um dia, mas no outro dia chega porque eu

tenho fé nessa espiritualidade. Eu não vou dizer ‘ah eu recebo um preto velho e não vou fazer a defesa dos meus’, é claro que eu tenho que fazer.

ZABELÊ: **Mediante todas essas mobilizações, qual foi o posicionamento dos financiadores e da mídia local?**

LÚCIA: *A gente fez toda essa mobilização, fez redes com muitos movimentos e a gente conseguiu fazer uma denúncia para os financiadores que era o Banco Mundial, porque por aqui não conseguimos, fizemos essa denúncia para os financiadores, eles vieram o Banco Mundial veio e constatou as injustiças, as violações de direitos humanos e suspenderam os recursos, porque senão eles tinham feito. E todo mundo dizendo que era às mil maravilhas do mundo, mas todo mundo marginalizando a gente, eu lembro que tinha jornalista que dizia “esse povo tem que sair daí, é um bando de povo ladrão, sair da beira do rio e desocupar para o povo passar”. E onde é que eles estavam quando a gente estava construindo, trabalhando fazendo tijolo para construir essa cidade, onde é que eles estavam, para vim dizer isso agora, quem é esse macho, quem é essa fêmea que manda eu calar minha boca? Porque também uma das estratégias do capital é dizer para a gente ficar calado, “paz sem voz não é paz é medo”, como diz a letra da música.*

ZABELÊ: **Quantas famílias seriam afetadas por esse projeto e quantas ainda estão conseguindo permanecer?**

LÚCIA: *Olhe para tirar mesmo era três mil e oitocentas famílias. São treze bairros diretamente afetados, Matadouro, São Joaquim, Olarias, Mocambinho... a nossa luta aqui ajudou muita gente, por exemplo*

*lá onde a vó dela (Jazi) mora, eles também iam sair, eu sei de tudo. E ele (o prefeito) mentindo dizendo que não ia tirar o povo e eles estão de olho ali também, beira de rio meu filho, beira de rio é caro. Olha quando eu era criança meu pai, ele criava gado que meu pai trabalhou aqui, o lugar que nós moramos hoje era a barraca da roça do meu pai e o meu pai trocava gado com seu Plínio que tinha uma vacaria onde é o Teresina Shopping. Então o que eles queriam era fazer essa limpeza, essa limpeza étnica, essa gentrificação aqui do jeito que fizeram lá. E esse capital ele é infame porque lá na zona leste eles fizeram casa dentro de rios dentro de lagoas, por isso que lá alaga e aqui não alaga porque aqui tem o braço do rio que a lagoa pode correr a água. E lá, eu digo gente porque eu vivi essa cidade e vivo, eu trabalhei como empregada doméstica na zona leste e lá quando chovia aquela parte do Pão de Açúcar ninguém andava, mas assim ainda tinha gente morando lá. Se você passar agora onde fica ali a Durvalino Couto, aquelas ruas bem ali têm poucas casas, os ricos não estão mais morando ali eles saíram, eles estão morando em condomínio fechado em Alphaville, não sei para onde. Então, como é que eles são? Eles são ordinários, eles exploram aquela região, aí quando eles não querem mais explorar eles saem dali e vão para outro lugar. **Agora, qual a ideia da nossa conversa com vocês? É justamente essa, é vocês se apropriarem da história de onde vocês vivem, mas não é só da história da cidade, a do território que é lá onde você mora, porque lá deve ter gente que está passando por essa mesma situação e pode ser do seu povo.***

Figura 3 - Objetos recolhidos das residências demolidas pelo Projeto Lagoas do Norte. A canoa, a tarrafa e os búzios são alguns dos símbolos desta comunidade ribeirinha.



Fonte: Carvalho (2022)

ZABELÊ: Comente sobre o racismo ambiental que você menciona.

LÚCIA: *O racismo ambiental ele acontece da seguinte forma, é quando uma comunidade de propósito é colocada numa situação difícil, ou seja, quando se constrói uma grande obra próximo a uma comunidade e aquela obra prejudica aquela comunidade, e não vai nenhuma infraestrutura como transporte, saúde.*

Esses fenômenos naturais como aconteceram lá em Recife de muitas casas alagarem, então, racismo ambiental se dá da seguinte forma. E aqui com a gente é eles criarem esses projetos grandes e chegarem e só dizer

que você vai ter que sair involuntariamente. Aí você vai e quem é que tá lá? É a população preta, isso é o que a gente diz que é o racismo ambiental, falando assim de uma forma bem geral.

ZABELÊ: Como tem sido a identificação das pessoas enquanto indígenas e quilombolas na comunidade? Você fez algum trabalho de conscientização como a que recebeu quando criança sobre sua realidade?

*LÚCIA: Pois é, fizemos essas redes e aí eu conversei com a Eliete que veio da Bahia, e a gente disse: “vamos nos reconhecer enquanto comunidade quilombola.” E aí a gente fez esse trabalho, e aí fizemos duas assembleias com a comunidade e mandamos para Fundação Palmares e a comunidade dizendo que era quilombola. Quando foi no tempo das eleições esse povo daqui queria porque queria conversar com o Pessoa, aí eu disse: ‘olha gente eu não aceito’, mas a comunidade ficou querendo e querendo. Daí eu e Luan fizemos uma carta e aí perguntei qual era a casa que era para receber. Aí o prefeito veio e assinou o documento dizendo que ia deixar a gente aqui na comunidade e disse que ia dar o título da posse da terra. Quando ele disse isso e veio a resposta da fundação Palmares o povo não queria mais ser quilombola queria era o título de posse. ‘Mas se vocês assinaram lá e disseram que queriam e tudo’. É onde eu digo: as contradições. **Só que para nós não é só o quadrado da casa, nossa relação aqui é relação com rio, é relação com a terra, pesca e tudo.** E é isso que nós temos tentado, é dizer que essa comunidade aqui é diferente de outras comunidades. E aí a gente já tentou muitas vezes falar com ele para saber como é que ficava e ele nunca recebia, foi aí que a gente fez uma mobilização grande que arreventamos*

a porta da prefeitura aí ele recebeu a gente, mas até hoje não deu título de posse, até hoje o pessoal da comunidade também está nessa. Então assim, no próximo ano a gente quer fazer um encontro de mestres e mestras de quilombos e a gente vai fazer uma oficina com a comunidade para entenderem como é que se organiza uma comunidade quilombola.

ZABELÊ: Como surgiu a ideia de ter um museu na comunidade, como foi esse processo de criação?

LÚCIA: Pois é, o museu é o seguinte, a gente começou a fazer junto com professora Lucineide. “Vamos fazer a instalação nas universidades”. Aí o povo vai e a gente começou a fazer a instalação. Aí levava as coisas tudinho ... Aí eu digo: ‘gente pois vamos fazer um museu’. Aí nós começamos a juntar peças. Aí a Joana veio de lá pra cá e aí fez uma oficina sobre o que é museologia e aí o povo deu muitas peças, a gente foi criando o museu. Mas a fundamental é a bicicleta, que a bicicleta ela tem até uma história, que o Novinho, né? Acho que com a imaginação dele junto comigo e com o que ele viveu, ele criou a história da bicicleta.

A história da bicicleta é a seguinte: Meu pai, ele trabalhou com os militares, quando ele chegou aqui em Teresina, que aí já é outra história. E ele teve de herança que deram pra ele uma bicicleta. Essa bicicleta só tem dez delas, que ela participou da Segunda Guerra. E aí a bicicleta é o símbolo do museu. Aí começamos com a bicicleta. É uma Gulliver. Tá lá em casa. E a bicicleta ela é o símbolo porque foi nela que muita gente daqui conseguiu viver. Eu estou escrevendo, depois vou mandar o que eu estou escrevendo pra vocês porque fala muito né? Mas é bom vocês também escreverem, tá? A gente fala muito, o pai veio (Preto Velho) disse

pra mim: escreva, escreva, escreva, aí eu sempre quis escrever, aí o Lívio disse, escreve, escreve, escreve, escreve, escreve, aí eu comecei escrever. Amanhã é dia de escrever, todo dia eu escrevo.

ZABELÊ: Pelo que percebemos a espiritualidade está sempre atuando na sua vida.

LÚCIA: *É. Isso. Muito mesmo. Eu sou da Umbanda.*

ZABELÊ: O pessoal dos terreiros se apropria do espaço da praça dos orixás?

LÚCIA: *Quem se apropria mesmo é a prefeitura, que vai lá e faz as coisas ou as pessoas também de terreiro que ajudaram. Olha, mas uma coisa que eu vou dizer pra vocês, a espiritualidade não brinca. Não brinca. Tem muita gente que se apropriou disso e ia tirar mãe de santo, depois paga um preço alto. Elas não vão não. Ninguém vai pra lá. É um lugar assim, acabaram com a imagem dos orixás, quebraram os orixás.*

ZABELÊ: Como tem sido a vivência das crianças na comunidade?

LÚCIA: *Pois é, as crianças sempre estiveram muito presentes na luta, muito presentes mesmo, assim que a gente estava nesse lado da confusão, elas pediram até pra gente comprar baladeira pra elas, pra atirar no povo da prefeitura. E assim, foi massa porque aqui parece um pouco com a história do Bacurau. Depois que a gente fez essas oficinas na hora que o carro da prefeitura aparecia alguém corria na comunidade todinha e eles diziam: “vamos pegar a baladeira”. A gente botava eles para correr!*

ZABELÊ: Como ficou o movimento nesses últimos dois anos de pandemia?

LÚCIA: *Com a pandemia foi o seguinte, aqui graças a Deus na comunidade não teve caso de morte não. Mas como era uma coisa que a gente não conhecia... aí eu fiquei... eu fiquei dentro de casa sem saber o que fazer. E eu tinha medo né. Dizia assim: “meu Deus, se eu pegar essa covid, eu sou até fumante, será que eu morro de uma hora pra outra?” Aí eu fiquei com medo. Aí eu falei com a Sara que é minha colega lá de Recife, as universidades começaram a produzir documento né? Podcast e um monte de coisa ... Aí minha mãe adoeceu. Quando minha mãe adoeceu, aí outras velhinhas foram adoecendo. Aí um dia a gente saiu de casa. Aí eu peguei, né? Fiz o que eles ensinavam, botei uma máscara, cobri a minha cabeça, andava muito com a cabeça coberta no início da pandemia tanto por causa da questão do meu ori e também porque não sabia né. Aí vesti um saco de plástico e comecei a vir. Aí, eu descobri que ela não estava tendo teste né, monte de velhinha tudo sem teste. Aí eu liguei pra Denise, Assistente Social da prefeitura, aí eu disse ‘Denise, não está tendo teste, não está tendo teste e o povo está pagando é com seiscentos reais do dinheiro do auxílio.’ Denise respondia- “Ai tá tendo, não sei o que” aí eu digo ‘olha é o seguinte ou você manda testar a comunidade ou amanhã a porta da prefeitura vai amanhecer toda suja de sangue’. Aí, quando foi no outro dia eles mandaram testar a comunidade. Aí testaram a comunidade e também outra coisa, essas velhinhas elas são muito espertas, elas são muito limpas e isso ajudou muito, entendeu? Delas não terem se contaminado. Aí ela elas mesmo criaram estratégias de se preservar, e... aí assim também, é como a gente fez essa amizade com o pessoal de Recife, eles fizeram os*

projetos de cesta básica e mandaram muita cesta básica pra nós, cesta básica que tinha até carne seca. Aí fez também o projeto “Habitat” que foi as pias. Não é coisa muita, mas assim... aí também junto com esse projeto veio umas máscaras que foi as costureiras da comunidade que fizeram, álcool em gel, tudo a gente encaminhava aqui na comunidade, sabe? Foi assim. A gente botou as barraquinhas: “aí como é que vai fazer pra entregar as máscaras, não sei o quê?”. Aí a dona da padaria disse “bote uma barraquinha com as máscaras bem aqui na porta”. Aí eu disse ‘oh a barraquinha vai ficar na porta de fulano tal. Vão lá tem álcool, cada um pega lá e assina. Quem puder leve sua caneta pra não ficar pegando na caneta que tá lá, mas, quem não quiser (levar a caneta) tem o álcool em gel, é só terminar de pegar na caneta e passar nas mãos.’ Pronto!



MUSEU DA BOA ESPERANÇA

Figura 4 - Parte do acervo do Museu da Boa Esperança



Fonte: Carvalho (2022)

ZABELÊ: Professor Raimundo, nos fale um pouco sobre você, sobre sua trajetória no movimento.

Eu me chamo o Raimundo Pereira da Silva Filho. Sou nascido e criado na comunidade da Boa Esperança, desde [mil novecentos e] oitenta e oito mas, a minha família se estabeleceu lá a partir de [mil novecentos e] sessenta e cinco. Meu avô fez a casa, trabalhava de Olaria e aí a gente se

estabeleceu. Eu estudei na região, terminei o ensino médio. E assim, por conta da convivência, lá em casa tinha criação de animais, tinha vazante. E antes do Lagoas do Norte a prefeitura veio proibindo isso. Proibiu a criação de animais, foi tentando controlar a vida dos moradores, né? E aí, depois que veio o programa e aí começou as ameaças, mesmo de expulsão. Então, em dois mil e nove a gente criou o centro defesa com o intuito de ... o problema, não era o Lagoas do norte ainda, era questão da violência, da falta de oportunidade. Então, a ideia era gerar emprego, gerar renda para os jovens da comunidade e ter um futuro. Só que aí o projeto não foi para frente que era uma usina de reciclagem. E aí, como o começo do parque do Lagoas do Norte, a gente começou a perceber essas ameaças e aí elas ficaram mais contundentes em dois mil e quatorze. Quando a prefeitura selou as casas, né? Colocou um selo. E aí realmente falou da questão da remoção.

149

E aí, a minha participação era mais era de tentar descobrir o que que a prefeitura realmente queria fazer, como é que ela queria fazer, né? Até então, a comunidade não estava mobilizada porque achava que não ia vim aquelas coisas, que prefeitura não ia fazer nada. E aí eu encontro no site do banco mundial que estava em inglês, tipo um projeto falando quantas pessoas iam ser removidas, onde é que é ser essa remoção. E aí a gente viu que a ameaça não era mais ameaça, era uma coisa já arquitetada.

ZABELÊ: Há alguma relação entre a participação no movimento e sua formação acadêmica?

No meio dessa turbulência foi quando eu fui para a universidade, fazer o curso de História. No caso, era pela Nassau, né? A faculdade Nassau. Só que na época, o nome era FAP. Foi pelo PROUNI. Aí eu fui

fazer o curso de História, que a princípio eu ia falar sobre a história da família, da rua que eu morava. E aí, com essas ameaças do programa, eu resolvi mudar, ampliar. Aí eu falo da questão da zona norte, ali, na década de sessenta e setenta, as transformações que aconteceram naquela região e aí utilizo a história oral, né? Começa a conversar com alguns moradores e aí vai fortalecendo o sentimento de que, na verdade, coisas que a gente achava que eram simples do dia a dia, que eram coisas assim, que não tinha muita relevância, a gente passa a perceber que as nossas a nossas práticas ainda são feitas, tornam a gente uma comunidade tradicional, então, a princípio a gente começou a se identificar como comunidade tradicional. E aí é que a emenda com a conexão de por que criar um museu. Então, a princípio toda vez que a gente era convidado para ir pra algum local para fazer alguma fala, né? Universidade, algum local assim... A gente começou a levar a coisas que mostravam a comunidade, peças, objetos, a fôrma de fazer tijolo, né? O próprio tijolo, ferramentas e aí a gente começou a levar. Levar fotos da comunidade, e aí surgiu a ideia desse museu itinerante, que saia sendo mostrado para as pessoas. E aí depois veio a ideia de criar um museu físico, que a comunidade aprovou porque seria mais uma forma de denunciar. Já que a prefeitura queria apagar a nossa história, a gente teria não um museu depois que a prefeitura removesse as pessoas: “Ah aqui morou a comunidade da Boa Esperança”. Não! Um museu com a comunidade, morando no local e permanecendo. E a comunidade aprovou, viu que era um meio de denúncia, né? Porque depois veio a questão das faixas e de pintar os muros, mas aí depois disso tudo, a gente criou o museu. E aí, depois disso tudo, do museu itinerante e do museu físico, a gente tem a ideia de criar um museu virtual, que é o site, pra chegar em mais pessoas, né? Aí, lá congrega tudo, congrega as produções que foram feitas, vídeos fotos, peças, tudo nesse panorama.

Figura 5 - Objetos de olaria produzidos pela comunidade



Fonte: Carvalho (2022)

ZABELÊ: Você poderia nos contar a história da bicicleta, a primeira peça do acervo do museu da boa esperança?

151

Ela pertenceu ao meu avô, Seu Antônio Ferreira de Sousa. E pelas pesquisas que eu fiz, pelo que ele falava também... Porque na verdade a gente achava que a bicicleta fosse europeia, tivesse sido fabricado na Europa, porque ela parece muito com os modelos usados na época da guerra, da segunda guerra. Só que tinha uma conexão, ela não era europeia, mas o cara que fez era europeu, ele veio fugindo. Era um judeu que fugiu da segunda guerra para o Brasil, e começa a fabricar as bicicletas na década de cinquenta.

E aí a bicicleta, ela tem nessa faixa, ela tem em torno de setenta anos já. E aí, meu avô adquire. Na época que eu pesquisei e a bicicleta era bem cara na época, não era fácil de ser adquirida. E poucas pessoas tinham essa bicicleta né? E aí, meu avô usava ela como um meio de transporte

na questão da olaria, na questão de trabalho mesmo, que ele era vigia na escola. A marca da bicicleta é Gulliver. E aí a gente fez essa pequena história, porque na verdade ela foi a primeira peça do museu, a primeira a ser tombada e registrada. E aí essa história foi eu com a professora Joina, a gente criou esse relato poético, né? Sobre a história da bicicleta, do que ela transportou, inclusive lá no site do museu, tem esse texto que eu construí com a Joina. Então a bicicleta foi a nossa primeira peça. E nela já tem essa história de resistência pelo próprio cara que fabrica, que ele era um judeu polonês que fugiu da segunda guerra para o Brasil e aí começou a fabricar bicicletas como uma questão de sobrevivência. E aí meu avô também, quando estava usando a bicicleta, ele usou ela como um ato de sobrevivência e nas minhas pesquisas quando o Brasil foi campeão da Copa do Mundo de sessenta e dois, o Garrincha foi o atleta que mais se destacou, e aí como questão de destaque de premiação ele ganhou uma dessas bicicletas. Para se ver assim a questão da importância dela.

“Nós somos encharcados de natureza”: memórias, lutas e resistências às margens da Boa Esperança - Entrevista com lideranças do “Movimento Lagoas do Norte Pra Quem?”

sou uma bicicleta histórica

Figura 6 - Primeira peça do acervo do Museu Boa Esperança



Fonte: Arquivo particular do Professor Raimundo Pereira (2022)

Sou uma bicicleta histórica, ahh, sou sim! Porque a história, antes, e até mais do que ser feita dos nomes que ganham fama nos livros, é feita de suor, de lágrimas e de alegrias!

Carrego histórias.

Em especial, carrego as histórias do senhor Antônio Ferreira de Sousa, o vaqueiro que saiu lá do Pernambuco, para vir fazer a vida aqui na nossa Teresina.

Fazer a vida. História é vida. História é labuta diária, que se confunde com o pedalar ligeiro, e com o pedalar cansado.

Pedalar que se infiltrava nas veredas ainda bem verdinhas que existiam entre a nossa tapera da Av. Boa Esperança até as olarias do Poti Velho. Percorri as veredas de chão, cheias de pedras no caminho, mas cheias de belezas, encantos e encantados. Depois veio o asfalto duro, liso pra correr... correr... correr... a vida correu mais, as mãos no meu guidão trabalharam mais, os pés calejaram mais. O asfalto não é tão fácil quanto dizem.

Carreguei histórias e mais coisas cheias de histórias, como os “jacar” trançados pela experiência de outras mãos também calejadas de trabalho.

Carreguei tijolos.

Tijolos

Tijolos

Tijolos, um a um, um sobre o outro foram engrandecendo Teresina, construindo Teresina, “urbanizando” Teresina.

Eu também construí Teresina, saindo lá da minha Zona Norte, bem de onde essa cidade nasceu.

Eu também alimentei Teresina. Seu Ferreira de Sousa levava o quiabo, o feijão que era, e ainda é, produzido às margens do Parnaíba, nos quintais da Av. Boa Esperança, para ser vendido lá no Mercado São Joaquim. E quando ele voltava, cansado de tanto pedalar, trabalhar, ainda tinha tempo para ser feliz! Colocava a criançada na minha garupa, para tirar sorriso infantil em cima das minhas rodas...

Pois é, roda, uma das primeiras grandes invenções desta tão afamada humanidade. Pois carrego duas! Duas rodas bem gastas de tanta história.

Alguém aí duvida que não sou também patrimônio de museu?”

155

(Reprodução: COISAS QUE FALAM | Museu da Boa Esperança
(museudaboaesperanca.org)



REVISTA ZABELÊ

DISCENTES PPGANT - UFPI